

VOU LÁ VISITAR PASTORES:

ESPAÇO E NARRATIVA EM RUY DUARTE DE CARVALHO

Laura Regina dos Santos Dela Valle¹

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy²

Resumo: No presente trabalho analisamos a obra *Vou lá visitar pastores* (2000), de Ruy Duarte de Carvalho, pois nessa narrativa o autor revela o universo particular do povo Kuvale, um subgrupo da etnia Herero. Para adentrar nesse mundo de identificações étnicas Ruy Duarte propôs-se a ir viver junto deles no deserto do Namibe, por aproximadamente seis meses por ano. O resultado desse trabalho nos é apresentado nessa interessante obra que envolve antropologia, literatura e história, o qual poderemos conferir neste artigo.

Palavras-chave: Espaço. Narrativa. Pastores Kuvale. Literatura. Antropologia.

VOU LÁ VISITAR PASTORES:

SPACE AND NARRATIVE IN RUY DUARTE DE CARVALHO

Abstract: In this paper we analyze the work *Vou Lá Visitar Pastores* (2000), by Ruy Duarte de Carvalho, because in this narrative the author reveals the particular universe of Kuvale folk, a subgroup of the Herero ethnic group. To enter this world of ethnic identifications Ruy Duarte went to live with them himself in the Namib Desert, for about six months a year. The result of this work is presented to us in this interesting work involving anthropology, literature and history, as we can check this article.

Keywords: Space. Narrative. Kuvale pastors. Literature. Anthropology.

Introdução

A obra *Vou lá visitar pastores*, de Ruy Duarte de Carvalho, é uma narrativa construída pelo contato direto com o outro. Expõe a realidade de um povo em um contexto histórico e geográfico específico, atravessado pela diversidade das etnias, línguas e tradições. Com isso, a guerra não é a única, mas certamente é a principal vilã do cenário de crises e misérias vivido pelos angolanos. Nesse quadro de incertezas e contradições a literatura encontrou seu lugar,

¹ Mestre em Literatura Portuguesa e Luso-Africanas (2015) pela mesma Universidade. Professora de Língua Portuguesa e Literatura na Rede Pública Estadual do RS. Editora técnica e revisora da revista Boitatá, vinculada à ANPOLL. Atua como professora, revisora e pesquisadora, elegendo a literatura africana como principal fonte de interesse. Últimos artigos publicados: Ruy Duarte de Carvalho: a viagem, o discurso e a poesia (Boitatá, n. 19, jan.-jul. 2015), Ruy Duarte de Carvalho: caminhos de um poeta antropólogo (Nau Literária, 2013/01). E-mail: lsdelavalle@hotmail.com.

² Graduada, Mestre e Doutora em Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Literatura Portuguesa e Estudos Pós-coloniais do Instituto de Letras da UFRGS (Graduação e Pós-Graduação). E-mail: attetamanzy@terra.com.br.

tornando-se uma grande aliada no projeto de construção e institucionalização da Nação. Um dos autores contemporâneos que se enquadra nesse grupo é Ruy Duarte de Carvalho, sendo sua obra *Vou lá visitar pastores* um ótimo exemplo disso.

Observamos que essa narrativa constitui-se de um relato apurado, baseado no longo trabalho de pesquisa antropológica realizada por Ruy Duarte, sobre os pastores kuvale, desde meados de 1990. Os dados reproduzidos no texto são selecionados, sistematizados e classificados etnograficamente, revelando um espaço enigmático. Além disso, decifra um universo de percepções, sentimentos, causalidades e relações que mostram um outro modo de estar no mundo. A obra divide-se em quatro partes: *Memórias, colocações / Viagens e encontros: figuras / Etnografias, torrentes / Decifrações, desafios*; o livro também traz um *post-scriptum* e um glossário, além de ilustrações internas e mapas que revelam o esforço do autor em nos apresentar esse mundo desconhecido da maneira mais clara possível.

Desse modo, percebemos que todos os elementos que compõem essa obra são cuidadosamente pensados, o título e cada uma de suas partes antecipa a inquietação confirmada pelo leitor na leitura de cada página do livro. Também se confirma a impossibilidade de catalogação, pois, mesmo após a leitura, continuamos sem conseguir defini-lo por antropológico ou literário. É fato que temos um ensaio antropológico criteriosamente elaborado; contudo, o olhar etnográfico não parece ser a base da narrativa, mas sim a preocupação do autor em ir muito além da simples descrição do outro.

1 Sobre memórias e colocações...

A primeira parte do livro (*Memórias, colocações*) possui oitenta e três páginas que relatam antecipadamente os pormenores da fase inicial da viagem percorrida por Ruy Duarte de Carvalho, começando no Namibe. Essa viagem, ocorrida no território e no discurso, vai tratar da movência, da transumância. O autor segue rumo ao interior do Sul de Angola, parte territorial completamente esquecida pelo centro urbano.

Duarte considera os possíveis passos da viagem que seu amigo jornalista (Filipe³) fará desde a sua suposta chegada à cidade do Namibe (centro). Com o objetivo de situá-lo na realidade do povo que irá observar, Ruy Duarte segue descrevendo um panorama geral da paisagem, das pessoas, da geografia. Tudo isso com a intenção de apresentar-lhe os pastores Kuvale, conforme relata: “A viagem que vamos fazer vai revelar-te que os Kuvale constituem uma sociedade pastoril acionada por instituições comuns a muitas outras” (CARVALHO, 2000, p. 22).

Inicialmente, a partir de suas próprias memórias, descreve-os, pois considera que o primeiro contato do jornalista com esse povo ocorrerá na cidade, sendo assim, é preciso que ele esteja preparado para assimilar as primeiras impressões sem se deixar influenciar pelas informações locais que ouvirá: “é, evidentemente, redutor e leviano quase tudo o que vais ouvir acerca deles da parte das pessoas com quem contatarás na cidade” (CARVALHO, 2000, p. 24). Ao longo das gravações das fitas o autor vai desenhando o teatro da sua aplicação, segundo ele mesmo afirma na primeira página, intitulada *Namibe (Moçamedes): onde há uns que dão nas vistas*. Cabe a ele, então, descrever o cenário e as personagens.

Conforme aponta Ana Lúcia Tettamanzy, a “complexidade e o movimento da vida contemporânea são capturados a partir de recursos próprios da ficcionalidade, posto que os atores são inscritos em enredos, por sua vez assentados em condicionamentos espaço-temporais.” (TETTAMANZY, 2012, p. 7). Ao descrever o Mercado da Nação, antes de falar dos pastores, Ruy Duarte tenta situar o leitor naquele espaço que não é próprio do cotidiano dos Kuvale. Naquele lugar a miséria dita regras de comportamento àqueles que frequentam o Mercado. Com os pastores não é diferente, pois suas idas ao Mercado geralmente ocorrem para realizar trocas com a carne que destinam para esse fim, principalmente pela farinha (matéria-prima básica à alimentação do grupo). Porém, o comportamento deles geralmente não deixa boas impressões:

Estes são homens quase sempre novos e vais encontrá-los em grupos, passeando muitas vezes de mão dada, frequentemente embriagados e seguidos por mulheres igualmente jovens, gente que dificilmente verás andar com pressa. A passada firme e larga, mas nunca acelerada, está reservada para as impressionantes jornadas que cumprem quando viajam (CARVALHO, 2000, p. 21).

³ O autor somente revela o seu nome na obra *Os papéis do inglês*: “Então avante, tenho dez dias à minha frente, fará de conta agora que são e-mails, como foi da outra vez com as cassetes para o Filipe, nos *Pastores...*” (CARVALHO, 2007, p. 24).

O autor justifica o comportamento dos pastores, esclarecendo que isso ocorre devido à situação, mas não traduz o que eles são de verdade junto de seu povo, espaço e cultura. É preciso conhecê-los em seu habitat para compreendê-los, pois possuem uma singularidade “que acaba por ser insularidade” (CARVALHO, 2000, p. 22). Isso faz dos Kuvale um povo diferente, e é justamente pela diferença que são discriminados. Para Ruy Duarte “Muitas destas imputações desabonatórias dirigidas aos Mucubais⁴ são afinal as que, por todo o mundo e desde a Bíblia, estigmatizam as sociedades pastoris e todas aquelas que se fundamentam na mobilidade as suas estratégias de vida” (CARVALHO, 2000, p. 25).

A despeito disso, observamos que o autor não se detém apenas na descrição comportamental da sociedade Kuvale, mas aproveita para fazer uma crítica muito perspicaz ao mostrar as razões de eles não serem aceitos pela sociedade civilizada:

Os pastores são unanimemente acusados de independentes, pouco controláveis, pouco dóceis, pouco respeitadores das autoridades, turbulentos, bandidos, preguiçosos, avessos tanto ao trabalho agrícola como ao trabalho assalariado e público, rebeldes à escolarização, vítimas de arcaísmo cultural, de estagnação e de imobilismo, e, sobretudo, estão sempre prontos a roubar gado. De fato, onde quer que existam, eles encostam em vizinhos e acham-se sempre mais ou menos integrados em configurações político-administrativas que de uma maneira geral tendem a contrariá-los, a deplorar a sua existência e, inevitavelmente, a pressioná-los no sentido da alteração do seu modo de vida, da sua mobilidade, da sua fluidez, da sua inapreensibilidade, enfim... (CARVALHO, 2000, p. 26).

No excerto acima percebemos que a lógica da dominação não consegue obter resultados com os Kuvale, assim como ocorreu com inúmeras outras etnias em África. E, pela incapacidade de ocidentalizá-los, estigmatizam-nos e desprezam-nos, transformando-os em figuras exóticas:

Por isso vão ainda assim servindo para ilustrar algumas festividades na capital da Província ou mesmo em Luanda e de vez em quando chega ordem para constituir um grupo folclórico de Mucubais que, acionados a vinho, se irão exhibir perante públicos desdenhosos e complacentes. A televisão filma e é essa a imagem que os Kuvale candidamente permitem que a seu respeito seja divulgada por todo o país. [...] Isto de voluntarismos folclóricos passa a ser também uma violência quando, a coberto de necessidades de afirmação cultural e de cultos políticos que recorrem à tradição, se propõe a reabilitação de um passado quando o que afinal se exhibe é antes a representação viciada a que o presente reduz esse passado. Resulta quase sempre em mascarada. (CARVALHO, 2000, p. 29).

O resultado de tudo isso são sujeitos postos à margem da História, objeto de identificações estereotipadas e superficiais, como no caso descrito. No entanto, o que Ruy Duarte esclai-

⁴ Forma genérica de tratamento aos subgrupos étnicos advindos dos Herero. Os Kuvale são um desses subgrupos.

rece é que os Kuvale possuem identidade: são pastores da província do Namibe; são Hereros, grupo etnolinguístico originário do banto; são sobreviventes de um longo período de guerras e de marginalização. E que, apesar de tudo isso, conseguem manter vivos os rituais e os costumes de sua cultura ancestral, o que não os impede de interagir e conviver harmoniosamente com a sociedade angolana dita “moderna” e “civilizada”.

No Bero a História confirma o porquê da fama que acompanha os pastores até o presente. Eles tiveram suas melhores terras espoliadas, além de terem sofrido toda sorte de punições. Duarte descreve as guerras tribais não como simples atos de incivilidade, mas como consequência da própria intrusão dos brancos, que os influenciavam a formar alianças para proteger seu povo. Segundo o autor, “as populações que hoje se entendem como Kuvale viveram sob uma pressão contínua, que incidia directamente sobre sua forma de subsistência, a sua prática de vida, a sua relação com o meio.” (CARVALHO, 2000, p. 53).

Para entender a viagem, Duarte leva o leitor ao Kuroka para percorrer um trajeto de conhecimento étnico:

É no Kuroka, onde te estou a levar, que tudo isto me desfila à frente como uma super-produção desenrolada num décor que é o de uma paisagem entre todas imemorial. Mas eu quis transportar-te ao Kuroka, insisto, para te situar no presente e, não vamos perder de vista, num presente Kuvale. Ora um presente Kuvale não deixa de ser um presente herero, se bem que a maioria das populações actuais de língua e de cultura herero habitem território que é hoje namibiano, com extensões no Bostwana, e tenham vivido processos históricos diferentes do nosso. E no entanto julgo que também a ti, no Kuroka, se tomará evidente que as especificidades históricas não anulam as contiguidades geográficas, que estas determinam equivalentes relações com o meio, e que destas relações resultam ou emergem, a par da incidência de outros fatores, evidentemente, contiguidades culturais que por sua vez confirmam ou estabelecem processos de identificação étnica (CARVALHO, 2000, p. 68).

É possível perceber a preocupação de Ruy Duarte em preparar quem o lê para a aventura que se abre à sua frente, pois, além de apresentar os protagonistas da narrativa, é preciso que esse interlocutor tenha algum entendimento de suas origens étnicas. Tudo isso é retomado novamente em momentos posteriores, quando o narrador trata especificamente desse assunto; porém, o emprego desse recurso mostra que ele está constantemente tentando envolver o leitor na narrativa. Além disso, os comentários não parecem tentar convencer o leitor, antes buscam situá-lo no contexto da história a ser contada. Para Wolfgang Iser:

Os comentários podem provocar uma variedade de respostas. Podem desconcertar, suscitar oposição, encantar através da contradição e, com frequência, revelar muitos aspectos inesperados do processo narrativo que, sem essas pistas, talvez não fossem percebidos. Assim, esses comentários não fornecem qualquer avaliação dos eventos;

antes, oferecem uma avaliação que contém diferentes possibilidades abertas à escolha do leitor (ISER, 1999, p. 8).

Observamos que essas questões reforçam o aspecto ficcional da narrativa híbrida de Duarte. Segundo Iser essas “reações básicas tornam mais claro o *status* do texto literário: sua principal característica é a sua peculiar posição intermediária entre o mundo dos objetos reais e o próprio mundo do leitor” (ISER, 1999, p. 9). Apesar das contrastantes diferenças entre a nossa realidade e o mundo de identificações étnicas descrito em *Vou lá visitar pastores*, Ruy Duarte consegue fazer uma ponte que nos liga a eles, como se estivéssemos olhando pelo próprio olhar do autor.

Giraul: onde se aprende a ouvir é a última seção da primeira parte do livro, e, como o subtítulo sugere, traz histórias da “Guerra dos Mucubais”, contadas ora pelo narrador, ora pelos próprios sujeitos: “Morreu muita pessoa. Aqueles que iam sendo agarrados eram conduzidos presos, aquele que estava cansado era morto, aquele que não andava depressa era morto também” (CARVALHO, 2000, p. 81).

Segundo Inocência Mata (2003), a literatura anticolonial precisou mobilizar estratégias discursivas que visassem à deslegitimação do discurso colonial. Nesse sentido, observamos que o entrelaçamento de histórias pode ser visto como uma estratégia metadiscursiva, empregada por Ruy Duarte, que busca despertar as “vozes e memórias que na utopia político-social não tinham lugar” (MATA, 2003, p. 59). A autora ainda afirma que:

O contexto discursivo dessas metaficcões historiográficas representa possibilidades de releituras do passado, expressões de reinterpretções para, — como já foi assinalado, moldá-lo às exigências das interpretações eficazes e iluminar segmentos sociais, ideias e eventos históricos antes na opacidade (MATA, 2003, p. 60).

No âmbito dessas estratégias contradiscursivas, Ruy Duarte inova com sua forma de escrever e com seu olhar sempre disposto a desvendar silêncios e sombras da História. Estes também são largamente explicitadas pelo autor por meio de críticas ao poder constituído no pós-guerra colonial: “A própria denúncia do colonialismo, que todas as independências tão veementemente brandiram, não terá ido além da condenação dos seus abusos, sem verdadeiramente pôr em causa os seus princípios” (CARVALHO, 2008, p. 38).

2 Sobre viagens e encontros...

A primeira seção (*Pico do Azevedo: onde dá para olhar à volta...*) da segunda parte (*Viagens e encontros: figuras*) do livro *Vou lá visitar pastores* é onde somos convidados a mergulhar no espaço do presente Kuvale. Porém, para que isso aconteça, é preciso chegar lá, pois, como afirma Ruy Duarte, “não há tempo sem espaço e sem movimento, é essa a condição de todas as percepções e de todas as relatividades” (CARVALHO, 2000, p. 103). O presente vivido pelo outro é o campo que se abre para adentrarmos na experiência de também estar lá, conduzidos pela lente de Duarte.

Observamos que a opção da passagem pelo Pico do Azevedo acontece por ser um dos lugares que encantam o autor, devido à amplitude da paisagem. Isso pode ser visto pela linguagem poética que ele emprega para falar do lugar:

É este um local, e sobretudo um horizonte, circular perfeito assim, em que inscrevo desde sempre uma boa parte da minha ficção pessoal, aquela que cabe dentro do quadro de que falei atrás. É tudo horizontal e extenso, rasgado, desdobrado em rasgos de visão, é a paisagem que conduz o lugar e há uma leitura só, possível, para uma largueza assim tamanha, tal dimensão alargada: largar o olhar pela esteira oblíqua dos ocres que se cruzam vastos, rasteiros, velozes, sem fim nem começo, uns derramados de outros, depois soltos, a renovar matizes ao sabor do vento. É por assim dizer o umbigo do mundo, para mim, ali. Sento-me ali e decreto o silêncio (CARVALHO, 2000, p. 110).

A descrição poética da paisagem retoma uma imagem que o autor guarda desde a sua adolescência e que justifica a sua parada no Pico do Azevedo. Ruy Duarte menciona que na área central onde montou acampamento andou, “adolescente em férias, a vigiar [...] os ninhos de avestruz a partir dos quais se haveria de repovoar a paisagem” (CARVALHO, 2000, p. 109). Ele aproveita essa lembrança para mostrar mais uma consequência da guerra colonial: as administrações não coíbiam a caça livre e dizimadora, já que também tiravam proveito da situação. Com isso, após a guerra, o que restou foi a quase extinção desses animais.

Contudo, a beleza daquele espaço sagrado é o que inspira Duarte a criar, por isso ele sempre passa por aquele lugar; como se estivesse recarregando a sua força criadora. De certo modo temos a impressão de que ele está constantemente atualizando suas memórias, não com o objetivo de esquecer a imagem passada e sim para refletir sobre as consequências da mudança. Sobre a questão da imagem Gaston Bachelard esclarece que:

As grandes imagens têm ao mesmo tempo uma história e uma pré-história. São sempre lembrança e lenda ao mesmo tempo. Nunca se vive a imagem em primeira infância. Qualquer imagem tem um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal põe cores particulares. Assim também, só quando se

passou pela vida é que se venera realmente uma imagem descobrindo suas raízes além da história fixada na memória (BACHELARD, 1988, p. 130).

Podemos inferir que a apreensão da paisagem resulta em um efeito simbiótico entre ela e o autor, tal efeito também ocorre com o povo Kuvale. O espaço geográfico se entrelaça à vida cotidiana e ao passado onírico dessa sociedade permitindo que consigam viver harmoniosamente. Ruy Duarte experimenta essa união como se quisesse sentir o que o outro sente. No mesmo capítulo citado anteriormente ele diz que o poeta possui-se do que vê, ou seja, relaciona-se de modo muito intenso e particular com o espaço do outro.

Podemos dizer que essa experiência é algo reservado ao “poeta”, tanto que em momentos assim ele se autodefine como tal. Duarte iniciou sua aventura literária pela poesia, desse modo, é natural o afloramento da sensibilidade poética ao tratar do tema que dá sentido à sua vida. Ainda, segundo Bachelard, “Mesmo quando um poeta evoca uma dimensão de geógrafo, sabe instintivamente que essa dimensão é lida localizadamente porque está enraizada num valor onírico particular” (BACHELARD, 1988, p. 230). Observamos que esse valor onírico diz respeito ao modo de viver do povo Kuvale, que transcende os limites da objetividade e da realidade ocidental. Tais questões são singularmente captadas, compreendidas e reveladas por Ruy Duarte na obra *Vou lá visitar pastores*.

O segundo tópico da segunda parte do livro: *Paralelos: e ver luz de noite ao longe* o autor segue ainda descrevendo a paisagem, pois é preciso conhecê-la para entender a ‘lógica das transumâncias’. Para que isso ocorra, segundo o autor, precisamos nos interessar pelas “pastagens, por capins, águas, solos, climas, então a intrusão da poesia resulta imediata” (CARVALHO, 2000, p. 117). Sendo assim, ele faz uma longa descrição geológica das formações rochosas da região, do clima e da vegetação, terminando por informar o verdadeiro propósito daquele discurso:

Toda essa poesia me serviu para dizer-te, agora, que da Serra da Neve, que nem meio grau é a Norte da Lucira, para baixo e até ao Kuroca, é o território ecológico dos Kuvale. A pastorícia mucubal é aí que funciona combinando estes dois tipos de estepe, a herbácea e a subarbustiva, mas a zona dos bosques secos de mutatis e as aplanções aluvionais; agricultáveis, e com extensões transumantes que aproveitam recursos de serra-abaxo e os pastos ocres, quando verdes, do planalto. [...] O pastor que mantém acesa a fogueira que a noite revela sabe de tudo isso, evidentemente (CARVALHO, 2000, p. 120).

A economia de subsistência do povo Kuvale é poeticamente revelada por Ruy Duarte, sem que restem dúvidas quanto à necessidade da prática transumante. Isto, conforme inferimos, somente é possível por meio do conhecimento tradicional que, sabendo respeitar a natu-

reza consegue extrair dela os recursos necessários à manutenção da vida em grupo, nada além disso. Trata-se de um saber que contraria princípios desenvolvimentistas defendidos, inclusive, por alguns representantes da causa humanitária. Duarte comenta que em muitas ocasiões em que palestrava tentando expor aspectos econômicos, ecológicos e culturais dos Kuvale foi surpreendido por contra-argumentações de supostos “ardorosos militantes do desenvolvimento ou da intervenção humanitária” (CARVALHO, 2000, p. 124).

Para esses representantes da intelectualidade burguesa a errância é tão somente um vício capaz de condená-los à pobreza e à vida selvagem (vagabundos errantes). Porém, o autor consegue sutilmente mostrar que o falso discurso humanitário esconde o preconceito incrustado no “império do lugar-comum e da banalização” (CARVALHO, 2000, p. 124). Duarte credita tais comportamentos à instrução deficiente que recebem compensada pela “cultura de pacotilha”, aceita como modelo. Com isso, observamos que o antropólogo intercala suas experiências na narrativa para orientar seu interlocutor a não incorrer no mesmo erro de julgamento, mas experimente abrir os olhos e ver que:

Esses ‘vagabundos errantes’ não são obrigatoriamente tão pobres assim e eles formam as populações do comum que talvez melhor tenham sabido e podido resistir ao descalabro nacional. E ninguém melhor que eles, porque actuam à sua maneira, saberá extrair rendimento deste deserto, destas estepes sobre as quais aliás se poderá fazer tudo em nome do progresso e do desenvolvimento, inclusive destruí-las, mas não seguramente transformá-las em permanentes ‘campos verdes’ (CARVALHO, 2000, p. 124-125. Grifos do autor).

É possível perceber que o pastor que está ali no deserto não precisa entender de ciência, nem de cálculos econômicos para saber que é “entre a terra, o espaço (território) e a água que tudo se joga na vida dele, comum, cotidiana, verdadeira.” (CARVALHO, 2000, p. 127). Ele só precisa conhecer e interpretar essa imagem que diariamente se desvela em sua vida. Bachelard (1988) chama isso de “consciência ingênua”, ou seja, é a capacidade que eles possuem de aplicar um método simples e eficiente para resolver seus problemas diários. Conforme registra Ruy Duarte, a viabilidade desse processo é fruto da conexão dessas sociedades com a questão ecológica, posto que, conforme vivem, “o lugar do homem não é necessariamente preponderante ou central, mas lhe atribui uma função relativa de manutenção do equilíbrio geral” (CARVALHO, 2000, p. 130).

Cumprida a tarefa de mostrar a importância do espaço geográfico e a maneira como o povo Kuvale se relaciona com ele, o autor parte para o Virei, o terceiro tópico intitulado *Virei: onde se cruzam figuras...* Trata-se de um pequeno povoado onde há um posto administrativo,

um hospital, uma escola e um posto policial, além de algumas lojas comerciais. O autor é recebido pelo Administrador, a quem ele chama I, e que conta algumas histórias sobre a origem do seu povo. Nesse ponto é importante destacar a introdução ao assunto das linhagens, que, conforme afirma Ruy Duarte, “essa descendência é estabelecida através das mulheres” (CARVALHO, 2000, p. 148).

A partir deste ponto da viagem o autor busca situar seu interlocutor dentro da sociedade Kuvale, sendo que, para isso é preciso entender a lógica dos clans e das linhagens:

Um clan tem a sua origem numa remota velha de cuja barriga saíram as mães das mães, *ad infinitum*, das nossas mães de hoje. Uma linhagem é um segmento de qualquer *clan*, medido para trás e a partir de uma mãe de agora até haver memória que identifique as mães que a precederam. Qualquer homem ou mulher, no caso mucubal porque noutras sociedades a filiação clânica é estabelecida através dos homens, é do *clan* de sua mãe. O seu pai pertence a outro *clan*, ao da mãe dele, portanto (CARVALHO, 2000, p. 148).

Apesar de observarmos a importância feminina devido à organização da linhagem matrilinear, o poder de decisão é do homem (líder do clan). O descendente direto da linhagem mais antiga (o *soba*) é o responsável por todo o grupo. Duarte, no subcapítulo citado faz uma breve introdução desse assunto para que possamos compreender aspectos ainda mais complexos dessa sociedade que serão desvendados ao longo da viagem e do texto. De acordo com o que se observa o autor reserva as informações mais específicas para momentos posteriores da viagem; são casos de grupos com contato menos estreito com os costumes ocidentais, legitimando ainda mais as convicções da coletividade.

É interessante entendermos que, apesar de viverem em função da lida com os bois, os Kuvale não fazem dele sua fonte principal de alimentação, mas tudo acontece por conta de uma lógica de consumo:

Há um tempo da carne [...], mas de resto, e ao longo de todo o ano, o consumo da carne é esporádico e circunstancial. Podem certas famílias abater um cabrito de vez em quando. Mas apenas quando há de fato muita fome e é só para alguns, para os mais necessitados. [...] Da galinha então nem se fala, ninguém abate, é só para aproveitar os ovos que se trocam por sal ou outros pequenos produtos. As crianças, e talvez algum adulto, comem os ovos às escondidas. Mas quem vai matar uma galinha para comê-la sozinho num contexto humano em que tudo se partilha? (CARVALHO, 2000, p. 173).

Percebemos que tudo é pensado de modo coletivo: o trabalho, o alimento e a cultura. Então, pela necessidade grupal os Kuvale fazem do leite a base do seu consumo, o qual representa uma linha de força que fundamenta o sistema socioeconômico dessa sociedade. E como já observamos nos exemplos anteriores, nada é feito sem uma razão “o leite que sai das vacas

é sujeito a diferentes destinos e categorizações explícitas e rigorosas que o transformam imediatamente em produto cultural” (CARVALHO, 2000, p. 175). A produção do leite não pode ser realizada indiscriminadamente, mas é a procedência (a vaca) que determina o destino de produção e consumo.

Essas questões justificam a existência desse povo em condições climáticas aparentemente inviáveis, pois notamos a evidência de um determinado acordo coletivo que mantém o equilíbrio. Entretanto, tudo isso somente toma forma em função do boi, o pivô de todos os acontecimentos e de todas as relações Kuvale. E, conforme mostra o autor, “é através do boi que um Mucubal cresce, casa, faz filhos, prospera e come e bebe, e dança e brinca e sofre e chora e dá sentido à vida” (CARVALHO, 2000, p. 185).

3 Sobre etnografias e torrentes...

A terceira parte da obra segue no mesmo ritmo da anterior: o autor, à medida que viaja, realiza paradas estratégicas em diferentes regiões do deserto do Namibe. Em cada uma dessas paradas desenvolve um tema relacionado à vida do povo Kuvale, sempre com o objetivo de nos introduzir no presente dessa sociedade. No primeiro tópico *Vitivi: pelo avesso do olhar* o autor adentra no universo das relações interpessoais e comunicativas. No desenvolvimento de tais questões, os Kuvale também possuem modos curiosos e particulares de ação, eles fazem *vito-hola*⁵:

*Só não faz vito-hola uma pessoa que não tem juízo, que está fora do mundo e não sabe pedir nem aproveitar as informações dos outros. É uma modalidade que faz parte da gramática das relações num contexto em que a informação só circula por assim dizer de boca-a-orelha, e sabiamente praticada pode ser até um precioso instrumento de estratégia pessoal. A mentira não está prevista e constituiria uma agressão social muito grave, mas uma *vito-hola* pode ser uma maneira de implicar alguém na discussão de um assunto que de outra maneira seria delicado colocar-lhe assim diretamente (CARVALHO, 2000, p. 193. Grifos do autor).*

É importante salientar que há ocasiões no livro em que Ruy Duarte transcreve falas das personagens, como no início do trecho acima (em itálico). Com isso entendemos que ele pretende aproximar ainda mais o leitor dessa realidade e desse povo. Nesse modo de vida, alguns costumes como o *vito-hola* promovem a manutenção da ordem, o respeito mútuo e a harmonia

⁵ Maneira de trocar informações entre quem se desloca e quem fica, ou se encontra pelo caminho, ou então onde se visita (CARVALHO, 2000).

coletiva. O autor também esclarece que o Vitivi é, por assim dizer, um lugar propício para encontros e resoluções de problemas, as chamadas *makas*⁶.

Observa-se que as inúmeras viagens empreendidas por Ruy Duarte ao deserto do Namibe lhe conferiram certa experiência em relação à ordem dos acontecimentos entre os Kuvale. Então, valendo-se de seu conhecimento, parou no Vitivi para introduzir seu interlocutor no assunto das complexas relações interpessoais. E, como haveria de se esperar, estava programada uma sessão para resolução de *makas*. Estas funcionam como se fosse um tribunal, todos aqueles que possuem queixas devem trazê-las na sessão para serem resolvidas em grupo. De acordo com a tradição Kuvale, os condenados devem pagar multas em bois, que variam em quantidade conforme a gravidade do caso.

Contudo, a interação com o outro gera mais uma profunda reflexão de antropólogo que, em momentos assim, parece deslocado de seu eixo:

Vito-hola para cá, vito-hola para lá, notícias locais, informações, Fulano como está, aquela *maka* que continuação teve, disputas, agressões, reconciliações, arranjos, compromissos, casamentos, divórcios, roubos, feitiços, mortes, rendas, nascimentos, sei lá, quando dou conta o centro do mundo é aqui, o quadro de referências a que reporto o que observo e indago passa a ser nem sequer o sistema mas muito mais densamente o da absoluta trama local, perco de vista as estruturas e os processos, mesmo aqueles que eu próprio vou conseguindo identificar e extrair, teorizar, pego mais tarde nas notas pessoais que produzi e verifico que não posso atrever-me a utilizá-las em pé de igualdade com os dados que recolhi (CARVALHO, 2000, p. 201).

O descentramento que observamos no comportamento do antropólogo pode ser visto, conforme evidencia François Laplantine, como uma revolução epistemológica que começa pela mudança de olhar. Ela “implica um descentramento radical, uma ruptura com a ideia de que existe um “centro do mundo”, e, correlativamente, uma ampliação do saber e uma mutação de si mesmo” (LAPLANTINE, 2007, p. 22). Sendo assim, é possível dizer que Ruy Duarte foi um intelectual que adotou um olhar diferenciado em relação ao povo Kuvale, contrariando a ideia etnocêntrica que sabemos, ainda prevalece.

Durante sua estada no Vitivi Duarte resolve dar uma passada no Bumbo, lá aproveita o ensejo para relatar a história de um promissor pastor que organiza seu terceiro casamento, esse é assunto do terceiro subcapítulo. Como ocorre em tudo na vida dos Kuvale, casamentos também movimentam negócios:

⁶ Disputa, problema. Organizam-se em sessões, presididas pelo soba, que podem durar horas ou até dias. (CARVALHO, 2000).

Os bois destinados a uma prestação matrimonial comum, daquelas que implicam uma mulher que nunca casou antes, não são assim tão numerosos. Acabam por ser quatro ou cinco cabeças ao todo. O trânsito de dezenas de animais só ocorre em situações que envolve mulheres divorciadas ou viúvas. Mas também não será correcto dizer que uma operação de matrimônio só movimenta o gado previsto pela estrita regra da prestação em si. Num contexto como este um casamento não é nunca um trato entre dois sujeitos, um homem e uma mulher, mas antes a expressão de uma plataforma de relação entre dois grupos matrilineares (CARVALHO, 2000, p. 249).

Desse modo o autor vai desenhando o quadro das realidades do povo Kuvale, e, conforme se pode observar, é um quadro social em que tudo faz parte de uma cadeia de relações e funciona para o bem coletivo. No penúltimo subcapítulo ele aproveita o assunto dos casamentos e estende para a importância feminina nesta sociedade, especificamente. De acordo com a análise do autor, a mulher ocupa “uma posição chave em tudo o que diz respeito à reprodução da sociedade que é a sua: reprodução biológica, social, económica e até simbólica” (CARVALHO, 2000, p. 260). O último subcapítulo desta terceira parte *Evau: vou lá visitar pastores* possui o subtítulo que dá nome a obra em si. Nessa parte o autor nos apresenta os *buluvulus*⁷, pois, segundo afirma, o *Evau* é o território deles, “é um lugar bonito de ver, com água à superfície e margens verdes no meio deste sertão onde tudo está e estará seco pelo menos durante mais cinco ou seis meses” (CARVALHO, 2000, p. 271). São esses jovens dotados de mais saúde e disposição que exercem a arte de pastorear e a cumprem com orgulho e desenvoltura. Ruy Duarte destaca o aspecto comportamental dos *buluvulus* como uma consequência da relação entre as pessoas e o gado iniciada na infância:

Qualquer criatura humana, aqui, desde que começa a andar, passa a estar implicada no manio dos animais, e cresce, é educada e aprende a viver visceralmente empenhada nisso, até as brincadeiras de rapazes aparecem inscritas nessa relação (CARVALHO, 2000, p. 277).

A arte da guerra também acaba sendo incumbência dos *buluvulus*, já está presente na educação que recebem desde crianças, é o peso da cultura pela qual estão cercados. O autor esclarece que é o “próprio contexto cultural, educacional, político, histórico e económico, portanto, que implica os jovens Kuvale nas artes da guerra” (CARVALHO, 2000, p. 289). Isso é um fato que não nos surpreende, pois a guerra e as consequências dela permanecem vivas e latentes na realidade do povo angolano; e não haveria de ser diferente com os Kuvale, apesar de povoarem regiões distantes e áridas. Basta o fato de conseguirem sobreviver em condições tão desfavoráveis para já despertarem o interesse exploratório, porém, conforme afirma Ruy

⁷ São os rapazes, entre os 12 anos e a idade de casar, a quem estão entregues grandes rebanhos constituídos por gado de várias famílias que transumam para longe e no tempo da fartura de pastos e água vêm concentrar-se em áreas próximas das *ongandas* (CARVALHO, 2000).

Duarte em todas as suas publicações, nunca lograram proveito nas tentativas de exploração empreendidas com toda espécie de tecnologias e persuasões aos pastores.

... E um possível desfecho

A análise da realidade observada evidencia o comprometimento social de Ruy Duarte, seu modo pessoal de captar a realidade vivida e transformá-la em narrativa; vislumbramos, assim, a sua aderência à causa desse povo. Isso diz muito em relação a seu caráter e seu modo de lidar com a alteridade: “Estou sempre pronto a esclarecer no que puder, mas não me peçam nem que ajude a domesticá-los nem que pugne pela causa da preservação dos seus modelos e sistemas, que de qualquer maneira não seria a deles” (CARVALHO, 2000, p. 374). Contrário a qualquer tipo de intervenção, Duarte passou mais de dez anos, visitando os pastores Kuvale, no deserto da Namíbia. Pelo que inferimos, o autor esteve lá mais para aprender com eles que para influenciá-los de algum modo. Esse aprendizado é o que também obtemos ao longo da narrativa. O resultado é algo muito maior, assim como ele mesmo confirma nas últimas palavras do último capítulo: “Não é só a salvação dos Kuvale que está em causa, é a minha também...” (CARVALHO, 2000, p. 375).

Referências

BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico; A poética do espaço*. Trad. Remberto Francisco Kuhnen, Antônio da Costa Leal, Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Vou lá visitar pastores: exploração epistolar de um percurso angolano em território Kuvale (1992-1997)*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Os papéis do inglês ou o Ganguela do Coice*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Primeiro livro da trilogia Os Filhos de Próspero).

CARVALHO, Ruy Duarte de. *A câmara, a escrita e a coisa dita... fitas, textos e palestras*. Lisboa: Cotovia, 2008.

ISER, Wolfgang. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Trad. Maria Ângela Aguiar. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS/Série Traduções*. Porto Alegre: Editora PUCRS, v. 3, n. 2, mar. 1999.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. Trad. Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MATA, Inocência. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares comuns. In. LEÃO, Ângela vaz. (Org). *Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. *Ficções de si: auto-etnografia em Ruy Duarte de Carvalho*. Mulemba, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 7, p. 4519, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://setorlitafrica.letas.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_7_1.php>. Acesso em: 15 ago. 2014.

Recebido em 1 de agosto de 2015.

Aceito em 14 de setembro de 2015.

